

# Sentimentos de mães de crianças com deficiência física e sua participação no tratamento de reabilitação

Marianna de Vasconcelos Souza Rangel Araújo<sup>1</sup>, Maanain Rodrigues de Sousa<sup>2</sup>, Mônica Cristina Batista de Melo<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Estudante da Faculdade Pernambucana de Saúde, Bolsista de Iniciação Científica do CNPq; <sup>2</sup> Estudante da Faculdade Pernambucana de Saúde; <sup>3</sup> Orientadora e Tutora da Faculdade Pernambucana de Saúde

## Introdução

De acordo com o Decreto nº 3.298, toda perda ou anomalia de uma estrutura ou função psicológica, fisiológica ou anatômica que gere ao ser humano a incapacidade para o desempenho de atividades, são considerados deficiência. Conforme Censo Demográfico, no Brasil, 7,5% das crianças de 0 a 14 anos de idade apresentam pelo menos um tipo de deficiência (IBGE, 2010). Oliveira, Almeida e Valentini (2012) afirmam que o desenvolvimento global da criança é muito intenso, mesmo que haja alguma deficiência, e pode ser influenciado pelo contexto em que a criança está inserida, através de estímulos durante os exercícios em casa e da escolha de brinquedos adequados para contribuir com sua evolução. Para isto, é necessário que o cuidador, na maioria das vezes a mãe, esteja lidando emocionalmente bem com todo o processo de adaptação à deficiência, e seja orientado quanto aos cuidados e estímulo doméstico. Segundo Miura e Petean (2012), o apoio para tal deve ser oferecido pela equipe de saúde que esteja prestando assistência à família. Portanto, este estudo teve o objetivo de compreender como os sentimentos das mães podem repercutir no tratamento de reabilitação das crianças com deficiência física.

## Métodos

Estudo qualitativo, realizado no Centro de Reabilitação do Instituto de Medicina Integral Prof. Fernando Figueira (IMIP), em Recife, Pernambuco. Participaram do estudo mães de crianças com deficiência física, acompanhantes do tratamento dos filhos, maiores de 18 anos, e que se dispuseram a participar. A amostra foi intencional, composta por 6 mães com idades entre 24 e 39 anos. O instrumento para coleta de dados foi uma entrevista organizada com roteiro predeterminado de perguntas abertas. As entrevistas foram gravadas e transcritas, feitas de forma individual, após a explicação da finalidade da pesquisa e coleta de dados sociodemográficos das participantes. A análise dos resultados se deu através da Técnica de Análise de Conteúdo Temática. A pesquisa foi realizada mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido conforme Resoluções 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), e submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos do IMIP.

## Resultados e Discussão

Estudo composto por 6 mães de crianças pacientes do Centro de Reabilitação do IMIP, com idades entre 24 e 39 anos, que estivessem participando ativamente do tratamento dos filhos. Quanto a renda mensal, a maioria variou de 1 até 8 salários mínimos. Em relação ao estado civil, participaram 3 mães casadas e 3 solteiras. No que se refere a escolaridade das mães, variou entre 1 ano de estudo a superior incompleto. Todas afirmaram ter alguma religião.

A primeira categoria identificada foi: Sentimentos das mães. Estes sentimentos se manifestaram desde o diagnóstico até o momento das entrevistas, e foram trazidos nos relatos das mães. A **insegurança diante do desconhecido** surgiu nas falas de todas as mães, sentida no momento em que descobriram a doença do filho ou perceberam o atraso em seu desenvolvimento:

*"Eu fiquei muito nervosa assim que a médica deu o laudo que eu não sabia o que fazer, mas agora eu 'tô' mais tranquila". (Catarina, 24)*

Para a mãe, o adoecimento de um filho traz incertezas que podem interferir em sua experiência de maternidade e qualidade de vida (Lazzarotto & Schmidt, 2013).

Surgiu também o sentimento de **negação**, pois mesmo depois da adaptação à condição do filho, a mãe continua tendo uma dificuldade em aceitar a deficiência. O sentimento de **empoderamento** esteve relacionado à capacidade das mães de realizar esforços em prol dos filhos. Apesar dos diagnósticos e das dificuldades enfrentadas, permanecem grandes expectativas e o sentimento de **esperança** em relação ao prognóstico das crianças.

A segunda categoria foi: espiritualidade como estratégia de enfrentamento. Para Lazzarotto e Schmidt (2013), a fé e a espiritualidade encorajam essas famílias a buscar a aceitação e obter forças para enfrentar a situação, além de servir como fonte de conforto.

*"A gente sabe que quando Deus dá, dá porque a gente pode cuidar. Se a gente não pudesse cuidar, Deus não dava". (Julieta, 34)*

A terceira categoria foi: família e equipe de profissionais como constituintes da rede de apoio. É importante que haja a interação entre os familiares e a criança com deficiência, pois esta traz benefícios a ambos (Grossi, Crisostomo & Souza, 2016). O trabalho da equipe deve almejar um bom desenvolvimento da criança, fornecendo aos pais e familiares um estímulo afim de que participem cada vez mais do tratamento, dando continuidade aos exercícios em casa (Levandowski & Carrilho, 2014).

*"A gente se ajuda e o médico também ajuda a gente, porque se o médico num indicasse como é que tem que cuidar, como a gente ia saber?". (Julieta, 34)*

Neste estudo observou-se que as participantes seguem as orientações recebidas pelos profissionais e as valorizam, realizando uma atuação conjunta que contribui com o desenvolvimento da criança.

## Conclusões

A mãe-cuidadora vivencia situações de aceitação, adaptação, enfrentamentos e sentimentos que podem influenciar o investimento no cuidado e o desenvolvimento da criança, porém, apoiada na maternidade e na esperança, ela consegue ir adiante no cuidado ao filho. A equipe de saúde pode ajudar à essa mãe, oferecendo suporte biopsicossocial. É importante ressaltar que nem sempre as mães são as cuidadoras, sendo necessária a realização de estudos com foco em outros familiares responsáveis pelo cuidado.

## Referências

- Oliveira, S. M. S., Almeida, C. S., & Valentini, N. C. (2012). Programa de fisioterapia aplicado no desenvolvimento motor de bebês saudáveis em ambiente familiar. *Revista da Educação Física/UEM*, 23 (1), 25-35.
- Miura, R. T., & Petean, E. B. L. (2012). Paralisia cerebral grave: o impacto na qualidade de vida de mães cuidadoras. *Advances in Health Psychology*, 20 (1-2) 7-12.
- Lazzarotto, R., & Schmidt, E. B. (2013). Ser mãe de crianças com paralisia cerebral: sentimentos e experiências. *Perspectiva*, Erechim, 37 (140): 61-72.
- Levandowski, M., & Carrilho, L. (2014). Expectativa de pais de crianças com patologias neurológicas em relação à fisioterapia. *Saúde Integrada*, 7 (13-14): 107-131.
- Grossi, F. R. S., Crisostomo, K. N., & Souza, R. S. (2016). Vivências de mães de filhos/as com deficiência: uma revisão sistemática. *Revista das Ciências da Saúde do Oeste Baiano - Higia*, 1 (2), 134-147.

VII Congresso Científico do IMIP  
XIII Jornada de Iniciação Científica do IMIP  
VIII Congresso Estudantil da FPS

Realização:



Apoio:

FAPE-IMIP